

soluções de **financiamento** para sistemas fotovoltaicos

Vamos focar-nos na produção ou geração distribuída. O setor do fotovoltaico em Portugal ainda tem espaço para ofertas de financiamento de sistemas fotovoltaicos para empresas em modelo PPA (Power Purchase Agreement), modelo este que tem cada vez mais aceitação a nível europeu.



O mercado português

Já muito se debateu sobre as empresas em Portugal e a energia: que enfrentam altos custos de eletricidade, que são exacerbados por diversas taxas e encargos, TAR, CIEGS, tornando o preço final da energia bastante elevado. Além disso, a volatilidade dos preços no mercado de energia grossista e as condições climáticas que afetam a produção de energias renováveis criam dificuldades para a previsão e controlo dos custos a longo prazo. A complexidade dos contratos de fornecimento de energia e a falta de transparência nos componentes tarifários também dificultam a gestão eficiente dos custos energéticos. Estas questões não irão desaparecer por artes mágicas, e a aposta de muitas empresas nos últimos anos em soluções de autoconsumo demonstra que os empresários estão a agarrar o tema com as suas mãos. Há uma crescente oferta de energia proveniente de fontes renováveis, como solar e eólica. Algumas empresas optam por fornecedores que garantem uma maior percentagem de energia verde. As empresas podem adquirir certificados que atestam que a energia consumida é de origem renovável, contribuindo para a responsabilidade ambiental e sustentabilidade, temas fundamentais para empresas exportadoras, onde os mercados já exigem determinadas práticas e políticas aos seus fornecedores.

Também não é novidade que altos custos colocam as empresas portuguesas em desvantagem competitiva em relação a países com energia mais barata, impactando negativamente as margens de lucro e os preços dos produtos e serviços. Investir na eficiência energética ou soluções de autoconsumo, como painéis solares, pode mitigar esses problemas, mas o elevado investimento inicial, não existir área para a instalação e o retorno demorado do investimento são, em alguns casos, os obstáculos mais significativos.

É aqui que entra a SWE para remover estes obstáculos. O nosso objetivo, enquanto parceiro investidor em sistemas de autoconsumo fotovoltaico, tem sido que as empresas nossas clientes se possam focar no que realmente fazem melhor, enquanto a SWE se foca na otimização da engenharia, instalação chave-na-mão através dos nossos parceiros qualificados, seleção dos melhores equipamentos e a maximização da energia solar produzida e consumida, num modelo "tudo incluído". O cliente final tem, assim, uma poupança assegurada desde o primeiro momento da instalação, sem investimento inicial, e no final do prazo do contrato que pode variar entre os 10 e os 25 anos, fica com o sistema sem custos. A poupança gerada pela produção local de energia elétrica está na base dos pagamentos mensais, energia esta

mais competitiva e verde. A poupança conseguida pelo sistema VS, a fatura de energia elétrica atual, e a empresa consegue poupar desde o primeiro momento, tornando esta solução muito atrativa para todos os setores de atividade.

Ao trabalhar com instaladores qualificados por uma entidade externa, a SWE assegura internamente a qualidade dos seus projetos, e não menos importante, o cumprimento dos critérios ESG estabelecidos a nível de grupo, e cada vez mais importantes em todos os setores de atividade. Não faria sentido ajudarmos os nossos clientes a mudar, se nós próprios não tivéssemos estes critérios presentes.

O futuro: o dilema da curva de pato, curtailments, baterias e bola de cristal para os preços da energia

O cenário internacional também tem peso. Vemos forecasts de preços variados e muitas vezes opostos. Juntamente os eventos extraordinários que, infelizmente, também se têm vindo a manifestar com mais frequência do que gostaríamos, desde a guerra na Ucrânia ao conflito no Médio Oriente. Os recentes cortes de produção nas centrais fotovoltaicas em mercados como a Alemanha e a Polónia, estão relacionados com a gestão da rede. A nossa exposição à importação de energia melhorou, fruto do trabalho dos últimos anos, mas Portugal ainda está longe das metas 2030 e ainda depende muito de gás natural, indexado ao petróleo, e uma enorme parte da energia renovável provém das grandes hídricas, obviamente sensíveis aos anos de maior ou menos pluviosidade como se tem confirmado este ano, e dos parques eólicos que já chegam a representar 63% do consumo nacional, um recorde atingido a 16 de janeiro de 2024. Este ano é previsível instalarmos mais fotovoltaico, com as grandes centrais desbloqueadas apesar nas contas, mas com as UPACs a atingirem apenas 145 MWp em abril em 2024 (últimos dados da DGEG), muito abaixo dos 631 MWp de 2023.